



## **Run qualquer coisa**

A conversa antes e depois só é comparável ao paleio de pescadores, caçadores e motoqueiros. Assim foi em Vila Franca junto à praça de toiros, como não podia deixar de ser, antes da partida para a 17ª Corrida das Lezírias. Lezíria, tantas vezes em cima da mesa e nunca antes corrida por mim. Só faltou mesmo encontrar o Sr Madaleno – da associação de regantes da Lezíria Grande - numa daquelas imensas retas em terra batida. Por sorte encontrei alguns dos atletas que já vou conhecendo. Se dúvidas houvesse a corrida começou logo ali. No antes a grande admiração era eu nunca ter corrido aquela prova. Está tudo dito; como é possível estar ali uma pessoa de calções e ténis que nunca tenha corrido as Lezírias? Estou no meio de craques que, como os bons fiéis, fazem disto a missa do domingo.

Teoricamente esta corrida tratava-se de mais um treino para a MM (Madrid Marathon). No fim, melhor no meio – quem corre sabe porque é no meio da corrida e não no fim –, suspeito que a MM está mais longe. O ciático doeu-me imenso e a toalha esteve para ir várias vezes ao chão.

Com os Vomero 6+ calçados, a estrear em competição, dei conta que pela primeira vez corria com Nike. Nike é aquela marca que equipa pequenos clubes inconvenientes que se agigantam quando jogam com grandes equipas. Não creio que seja esta a razão mas talvez por isso nunca simpatizei muito com a Nike. Seja como for os Vomero portaram-se muito bem.

Demasiado à frente na caixa de partida fi-lo ao lado do António e da simpática Paula. A João estava ali por arraste e contrariada. O objetivo do António era fazer 1:15. Este parecia ser um número mágico. Mais tarde percebi que alguns o terão enunciado por modéstia. Com a confusão habitual das partidas lá fui ao lado do António durante algum tempo. Atravessamos Vila Franca e a ponte onde tantas vezes, vindo de Évora noutros tempos, fiquei horas enlatado – termo motard em referência aos que passam horas numa fila de trânsito estupidamente dentro de um automóvel - à espera de conseguir chegar a

Lisboa. Logo depois à direita um enorme cartaz anuncia a Lezíria Grande onde vamos correr grande parte do percurso. Neste ambiente, com o cheiro a bosta de cavalo e toiro, os 20 ° C transformam-se rapidamente em 30 ou mais. O piso de terra batida é bom mas é mau, muitas pedras soltas, buracos e pó. Tudo isto exige muita atenção onde se põe o pé e quase que não nos deixa ver a imensidão e beleza da paisagem. Só os campinos, vestidos a rigor, que vão ponteando o percurso, me aliviam. Logo no início da terra, pelos 4 km, despedi-me do António e deixei-o ir. É bem pior correr sozinho. Pior ainda é levar atrás uma má companhia, neste caso a tal dor que me acompanha há uns meses. Assim foi mais uma vez.

Começaram a passar alguns, isso deu para compreender que aquele início tinha sido demasiado rápido. O pior era mesmo a monotonia das imensas retas. Quando, pelos 9 km, finalmente se subiu ligeiramente, se cortou à direita, o cheiro passou a ser de erva cortada. Cortada pelas passadas de todos os que iam à frente. Estávamos em cima do dique. Por esta altura a dor aumentou e a vontade de parar era imensa, quase tão grande como o Tejo que agora estava à nossa esquerda a correr em sentido contrário. Talvez a demasiada atenção a este corredor de água tenha levado a um pé mal posto e à sua torção. Mais uma boa desculpa para parar. Felizmente não foi nada de grave e insuficiente para suplantar a vergonha de parar perante o “atleta interno”. A ponte surgia ao fundo, bem longe e às vezes a parecer que corria no mesmo sentido. Por aqui passou o Rui Pedro, um dos experimentados corredores com quem tinha falado antes da partida e que também me falou no tal tempo, 1:15. Já estávamos francamente na segunda parte da corrida, no regresso, e paradoxalmente o fato de ser ultrapassado pelo R Pedro deu-me algum ânimo. Estranho, ser ultrapassado e ficar com mais força, esta coisa da corrida tem emoções e sensações únicas.

Por esta altura não passava nem era passado. Não fazia ideia do tempo, apenas sabia que estava a correr (quase) no limite – é para isso que corremos – e só isso chegava-me. Com a ponte já bem perto, e paradinha como lhe compete, já no péssimo asfalto que dá acesso à reta do Cabo e depois à ponte houve uma ultrapassagem muito curiosa. A vizinha antipática e colega do Britânia, mais velha, marreca e com menos 0.5 m passa-me com uma grande limpeza. Foi vê-la desaparecer. Entretanto, ainda meio distraído com este episódio, eis a subida da ponte. A partir daí era a descida, Vila Franca e a meta. Tudo fácil, parece. Na ponte o Tejo é um rio com uma largura enorme e a ponte a maior do mundo e arredores. Na descida, com as pernas um pouco mais soltas, houve um contato com o tempo, estava com 1:06 o que, apesar da desistência no horizonte, não era mau de todo. Ouvi um “bora Carlos” dito de alguém que passou. O Júlio estava descer em bom ritmo. Impensável, o Júlio estava ali. O Júlio, um extraordinário atleta de 50 e muitos que em 2011 fez 30 corridas. Destas não sei quantas maratonas e meias foram? Esta ultrapassagem, tal como a primeira referida, também me animou, afinal valeu a pena não ter atirado a toalha ao chão e ter vencido o nervo ciático. Curva à esquerda e estamos dentro de Vila Franca. Sem qualquer intenção os olhos pregaram-se no Júlio que corria uns 50 m à frente. Curiosamente, pouco depois, estes passaram a 40, 30 e, inacreditável, mais um esforço e estou a três, quatro metros do grande atleta. Não tive nenhum interesse em apanhar o Júlio, a minha intenção foi superar-me. A cem ou duzentos metros, já lado a lado, disse para o Júlio que ia parar. Agradeço-lhe muito não me ter deixado fazê-lo. No

fim algo mais do que 1:17. Encontrei o António, 1:13, que ficou admirado por o Júlio só naquela altura ter chegado. Dias.  
Sem dúvida que estes 15 km quase que me pareceram 42. Bem pior que os 20 de Cascais.

E agora MM?

Suspeito que só é possível faze-la perto de alguém com experiência e cabeça. Como se demonstrou em Cascais na companhia do Pedro.

Faltava ainda a João, apareceu com uns surpreendentes e bons 1:40. Para primeira corrida, de 15 km, foi ótimo.

cc, 11.03.2012